

ENQUANTO VARRO O CHÃO DA MANHÃ DO POÇO DA VOLTA!

Poço da Volta é um povoado desse tamanho
enterrado nos cafundós de Aquidabã,
mas parece que Deus mora lá!
Antonio Carlos du Aracaju

Enquanto abrem-se as cortinas do maior espetáculo do dia quase tudo dorme. Menos eu.
O sol se espreguiça no leito do colo da serra derramando ouro e vida!
Em alvoroço, as retardatárias criaturas da noite apressam a desesperada fuga abominando o clarim da luz. A natureza veste seu verde mais bonito explode o festim.
A profonia dos pássaros faz a noite recolher o seu manto, e fugir temerosa, às primeiras luzes do parto do dia.
Sedento o sol vai abrindo os olhos, estirando línguas de fogo, ávido disputando o orvalho prateado das folhas e dos frutos com os seres do dia, especialmente com os pássaros cantores da floresta.
Com ternura a doce água do riacho ensaia uma suave canção por entre os córregos, e brincando vem lambe os meus pés descalços. Alguns animaizinhos, nervosos espertalhões, furtam seu primeiro gole em uma poça espelhada desse santuário, e somem na primeira moita.
Abro o meu livro dos dias!
Fantasio meus olhos e ouvidos, escutando minuetos, cânones, e sou o ostentoso maestro dessa orquestra fantástica da paisagem musical!
Aspiro o cheiro de terra molhada enquanto varro o chão dessa manhã.
Perscruto o tênue e compassada canção do chocalho de algum animal boêmio.
À minha gnose de tributário do tempo, eu dou o braço e namoro a solidão na valsa da vida, mas sem me quedar à dor, nem ao cansaço do peso dos anos sobre os meus ombros.
Proponho-me a fazer mais, mas a velha carcaça já não obedece ao simulacro do que fui. As lágrimas não denunciam o veneno da minha tristeza, mas dentro de mim há um rio revoltado que me desguarnece e me arremete a um horizonte inexistente.
Percebo a falta que me fazem o ninho e o colo de braços quanto mais velho fico olhando os felizes passarinhos cantores alimentando seus filhotes num velho ninho desalinhado.
Eu curto o meu quinhão de espera desesperada remoendo a tristeza da solidão de amigos, da teimosia do gado; da cancela escancarada para a estrada vazia por onde já passaram bois, boiadas, cavalos, e pessoas. Agora quase só repousam nela a minha amargura, as lembranças, as imagens das partidas, a solidão de amigos, o meu coração correndo atrás, estancando, tropeçando, e abatido em alguma curva.
As pedras rasgam meus pés, a poeira do tempo pintou estradas, e redesenhou o meu rosto. A intrepidez da casa velha, como guardiã, testemunha do tempo, sempre vigiando a estrada. Calada, ela me diz muito.
Solidão. Tão somente solidão. Canteiros de solidão. Cacos de mim aqui e ali.
Meu coração é o relicário dos meus fantasmas, das minhas fantasias de vassoureiro em devaneios no Poço da Volta.
Estou só. Todos dormem. Eu só e a solidão do livro aberto dos meus dias iguais.
Não preciso fazer inventário de nada. Em algum lugar do meu passado também dormem meus desejos mal concebidos, e vontades mal consignadas.

Traço o meu vaticínio sem cartas, sem búzios ou bola de cristal.

Talvez tenha sido o menos aplicado aprendiz da professora vida. Espero não desejar parar o relógio do tempo ou a síndrome de Peter Pan. Só quero ser eu consertando as minhas tralhas de vaqueiro, jamais envergonhado de mim, do que fui, do que poderia ser, e do restou desse roteiro. Bastam-me os flashes de felicidade!

Eu fui ficando mais experiente e aprendendo em cada tropeço. Hoje meus pés caminham lentos, e doridos. Faço cada coisa no seu tempo. O cantar agourento do vim-vim serve-me de trilha sonora para minha vida aperreada.

Sou um velho carvalho, desfolhado e envergado pelo machado do tempo.

Sento-me alinhavando pensamentos, cozinho a panela do meu juízo com a lenha verde da esperança. Faço calos nas mãos, nos dedos com a caneta cúmplice e delatora do meu rosário de lamentos do meu poço sem fundo, sem volta. Estou sem auréola, e com calafrio sinto a alma se esvaindo em contraponto com a ópera da natureza.

Calado, estico os olhos láaaa... pra bem longe querendo asas e passear entre o corredor do Poço da Volta, e o firmamento. Pobre de mim. Sou apenas um pobre pássaro rastejante com asas partidas pelos caprichos e tombos da vida.

Amarrado pelos laços das armadilhas da vida já não saio mais do meu canto.

Não posso mais voar. Pelo menos posso sonhar. E sonho! Sonhos grandes, ousados, muitos impossíveis.

Telúrico, coração cerceado de angústia e tristeza, já não bate, apanha com a corda das minhas poucas alegrias.

Converso pelos cotovelos com os bichos, com as borboletas e seus destinos traçados, seus vôos incertos, suas contadas horas de vida; com as galinhas dançando no terreiro, com meu fiel e guardião vira-lata.

Sabe, às vezes eu acho que os bichos me entendem, pois facilitam as minhas tarefas. Eu acho que eles comentam: pobre deste mortal que achava que só lhe bastava a luz dos olhos, uma casinha, uma rocinha, uma vaca Estrela, um boi Fubá, um cavalinho, umas galinhas, seus livros, seus discos, de quando em vez algum amigo, e de Deus!

Ah! Nem tinha percebido! O sol já se mostra em todo seu resplendor, e reina! Faz calor, mas todos dormem o sono dos justos. Passarinho que não deve nada, não planta, não tem celeiro, acordou há muito tempo, antes do primeiro balbuciar do astro rei! Estes dorminhocos devem a Deus e ao mundo, mas nem... Perderam o 1º. ato do concerto do dia! Perdem o trem da vida!

Desculpem todos, mas não haverá ovação!
Só as palmas deste aprendiz da arte de envelhecer!
Que pena!...

“Eu pessoalmente considero abençoados aqueles que possuem o dom divino de fazer coisas dignas de serem escritas ou escrever coisas dignas de serem lida. Os mais abençoados de todos, com certeza, são aqueles que fazem ambas as coisas”.

Plinius Secundus, o jovem – 61 d.C. – 112 d. C.

Então, “sigamos para onde os caminhos do destino nos arrastam e nos trazem de volta; o que quer que venha a ocorrer deverá ser suportado por todos para que possamos triunfar sobre a nossa sorte”.

Vergilius, 70-19 a. C. / Da poesia “Eneida”

Poço da Volta / Aquidabã-SE

1ª. Escrita: 09,10,11/10/2010

2ª. Escrita: 16/10/2010

3ª. Escrita: 22/10/2010

4ª. Escrita: 24/10/2010

5ª. Escrita: 25/10/2010